

**MIO**



Peterson Silva  
peterson.235@gmail.com  
<http://petercast.net>

---

ISBN: 9788580450835

eISBN: 9788580451696

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional. Reproduzir esta obra — no todo ou em parte — só é permitido com a autorização do autor, conforme os termos da licença Creative Commons *Atribuição – Uso não-comercial – Partilha nos termos da mesma licença* 3.0.



Para ver uma cópia desta licença na íntegra visite:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br>

ou envie uma carta para

*559 Nathan Abbott Way, Stanford, California, 94305, USA.*

Obra produzida com o uso de ferramentas livres, tais como GNU/Linux (Ubuntu, Kubuntu), GIMP, L<sup>A</sup>T<sub>E</sub>X, Vim, Kate, OpenOffice.org, Inkscape e Redmine.

*Aos meus pais*  
*Sem eles eu obviamente não seria coisa alguma*  
*à minha corrente do JANMP e*  
*ao que ela significa*  
*À madrugada e a Éris*

# Prefácio

Comecei a escrever este livro durante uma aula de química do meu Terceirão (terceiro ano do ensino médio). Era já fim de ano, e depois das férias de inverno — que mostram quão boa a vida fica sem essas aulas que ninguém mais aguenta — existem aulas que não *dá* pra suportar. Seja pelo professor, pela matéria, ou por motivo nenhum e incondicionalmente pessoal. Alguns dormem. Outros desenham. Eu fazia um pouco dos dois, mas também escrevia.

Essa ideia não *surgiu* durante a aula, mas foi lá que eu comecei a escrever os primeiros capítulos. Fui só na coragem; sabia o ponto de vista que eu queria, mais ou menos os personagens que existiriam. Ao contrário de outras histórias que eu costumo planejar até o fim, com esta eu fiquei indeciso sobre o que aconteceria até o final. Só no epílogo — aliás, com a colocação daquele epílogo — eu decidi como terminaria o livro.

Eu quero agradecer primeiro a quem estava lá, nas origens disso aqui, e me viu começar; seja pelo interesse, pelas leituras dos esboços iniciais, pelas reações, e, enfim... Em especial um alô para a Deborah Peixoto Machado — que me acompanha já de outro projeto, um mais complexo, que *ainda* hei de terminar — e para a Camila May.

Depois, é hora de agradecer a pessoas muito especiais que, além de serem meus amigos de longa data, me ajudaram a testar esse livro. Leram antes da revisão final, apontaram coisas meio fora de lugar, me disseram onde eu poderia melhorar — escrever mais, escrever menos, falar de um jeito diferente — e portanto esse livro tem um pouco de todos eles. Sim, estou olhando pra vocês, Ilustríssimo Rev. Beraldo, Bonfatti, Carol Peters, Deborah Peixoto Machado, Mariana Przysiny, Salix, Evandro César, Duubhglas, Thiago Klock e Rev. Schneider.

Gostaria também de gastar um belo parágrafo para agradecer à minha prima Carla, que em breve se tornará médica. Em determinada parte desse livro, eu precisei conhecer um pouco mais sobre um determinado assunto, e por mais que perguntasse ao mestre (Google) ele nada me respondia. Obviamente, Éris escreve torto (mas com boa caligrafia) por linhas certíssimas, e naquele mesmo dia em que estava de mãos atadas devido à minha falta de conhecimento sobre o assunto, a futura médica vem de outra cidade nos visitar. Era o que eu precisava para engatar numa longa conversação sobre o assunto. . .

Esforcei-me, nesse episódio, pra não falar besteira, embora algumas pessoas possam considerar isso desnecessário. Eu pretendi dar o maior gosto de real possível a este livro, porque acho que a ficção deve nos levar a outro mundo, mas neste outro mundo os personagens não são tolos — excetuando casos extremamente complexos com os quais vocês vão

se deparar mais para o final do livro, as pessoas falam palavras *sim*, as pessoas possuem sentimentos contraditórios *sim* e as coisas *nem sempre* saem perfeitas, do melhor jeito possível. . .

Por fim, vou repetir algumas pessoas ao agradecer por uma ajuda muito oportuna que recebi quando tinha dúvidas sobre o que usar aqui e ali em termos de vocabulário, ou mesmo dúvidas gramaticais de toda sorte; a questão é que, enquanto usava as primeiras madrugadas de 3176 YOLD (também conhecido como “2010” em alguns calendários pouco comuns) para escrever mais de metade desse livro, também “tuitava” meu progresso. E foi lá, no Twitter, que compartilhei meus sentimentos em relação ao que eu escrevia e também aproveitava pra esclarecer essas dúvidas por vezes malucas.

As pessoas que me ajudaram: Fátima Tardelli (@fatimatarde), Rev. Beraldo (@revberaldo), Evandro César (@evandrocesar), Gustavo Canedo (@gknedo), Carol Peters (@louisevon), Lívia Rocha (@liviarock). Tomara, tomara que eu não tenha esquecido ninguém, e minhas sinceras desculpas se o fiz.

Embora tenha terminado este livro no início do ano, ele ficou esperando na gaveta um tempo enquanto me ocupava com outras coisas — e ele mesmo ficou um tempo considerável em revisão. No meio tempo comecei a namorar uma garota maravilhosa chamada Aline Schvartz, que muito me incentivou, até me surpreendendo com uma versão impressa

do livro (não a primeira, contudo; Evandro César já o tinha feito antes). Ainda assim ela é demais e, ainda que ela não tenha sido diretamente relevante enquanto eu de fato *escrevia* o livro, este prefácio ficaria muito incompleto sem um agradecimento a ela.

Naquela mesma tarde em que a minha prima apareceu, ela me perguntou: qual é o público-alvo do livro? Eu disse que não sabia. E mantenho, não por falta de vocação comercial, mas porque acho que livros bons transcendem (um pouco) o público-alvo. Não vou fazer um livro para adolescentes, ou para idosos, ou para pessoas que tenham só conhecimento técnico de alguma ciência. Não quero fazer nada que vá tornar esse livro chato para o resto da humanidade; quero fazer um livro interessante para o leitor que gosta de uma história instigante, de mistérios, de uma pitada de especulação científica (desvinculada de qualquer pesquisa, de qualquer coisa séria e acurada, é claro), dessas que dá um nó na cabeça. . . E outras sutilezas a mais.

Espero ter feito um bom trabalho, e. . . Obrigado por ler este livro.



# Sumário

Sumário	9
1	11
2	15
3	21
4	25
5	31



# Capítulo 1

Vanessa acordou. Percebeu que despertou e, espreguiçando-se, foi rolando até o outro lado da cama — enrolando o tempo, pra ele não passar.

Olhou para o seu próprio quarto, como que querendo analisá-lo, sem motivo algum, pra continuar por mais tempo na cama; cama essa que ficava entre dois criados mudos, e acima dela — estendendo-se por toda a parede até os outros lados dos criados — ficava o guarda-roupa. Na direita, uma porta para o banheiro e um pequeno *closet*, um espaço que servia mais como depósito do que lugar para roupas chiques. À frente, uma TV num canto. No outro canto, a porta. Ah, a porta. É hora de ir, não é?

Levantou e foi ao banheiro. Trocou de roupa, foi comer uma torrada com margarina, voltou pra escovar os dentes. Tudo em silêncio. . . Agonia de silêncio: a próxima coisa que fez foi ligar a TV.

Começou as tarefas de casa. Lavou a louça do café da

manhã (que era pouca); separou roupas para lavagem, guardou outras. Só não as passou; esperava acumular mais pra passar de uma vez só.

Era uma segunda-feira chata, chuvosa; não passava nada de bom na televisão. A receita de bolo de banana não funcionava para a dona de casa já nos pós-40, com cabelos morenos e claros, um rosto suficientemente jovial e olhos castanhos: ela odiava banana.

Já eram quase onze horas da manhã quando ela finalmente percebeu que a torrada não tinha satisfeito muito a barriga. Sentou no sofá, assistiu mais um pouco dos programas matinais (dicas para decorar a casa com pouco dinheiro), e foi preparar um “almoço só pra um” improvisado.

Fazia tempo que ela não cozinhava um grande almoço. Fazia tempo que não usava a mesa retangular da sala para refeições, aliás. Geralmente almoçavam ela e o marido na mesinha simples da cozinha. O filho, André, tinha 19 anos, um volumoso cabelo escuro e usava óculos. Tinha saído de casa pra fazer faculdade em outro estado. Foi seguir seu sonho, deixando um quarto e uma vida vazios. Depois de tantos anos vivendo praticamente em função dele, ela sentia muito sua partida, e sempre tinha esperanças de que ele fizesse à noite uma ligação pra casa, o que acontecia cada vez mais esporadicamente, à medida que ele começava a ficar mais e mais atarefado.

O marido, vendedor, viajava constantemente. Desde sempre foi assim, então não era algo que a incomodava. Foi numa

viagem que ela o conheceu e foi uma viagem (só que não a negócios, contudo) que escolheram fazer logo após o casamento. . . Teria sido mais apropriado, se todas as luas de mel fossem oportunidade pra fazer algo diferente, que eles tivessem ficado em casa. Mas não. Ambos, na época, gostavam de viajar, e ao longo dos anos o homem nunca se cansou disso (dirigia muito bem e o asfalto parecia seu habitat natural), mas Vanessa, sim.

O esposo só voltaria no próximo dia. Ela dormiria, mais uma vez, sozinha — e o filho avisou que naquela noite se reuniria com uns colegas de um grupo de estudos. Ligaria, se fosse possível, mas não achava provável.

Horas depois, quando Vanessa tinha deixado o tempo passar ao assistir novelas, feito mais algumas tarefas de casa e esquentado o almoço pra que ele servisse de jantar, o telefone tocou, mas não era o filho. Era uma ligação pra Lauro.

Ela até teve vontade de sair, andar um pouco, fazer alguma coisa. Mas. . Perdeu a vontade logo em seguida. Estava um pouco frio, e, além disso, não havia ninguém pra ir com ela. Depois de muito ócio, dormiu assistindo a um filme que não a interessava na tradicional sessão televisiva de segunda-feira.



## Capítulo 2

Vanessa acordou. Percebeu que despertou e, espreguiçando-se, foi rolando até o outro lado da cama — enrolando o tempo, pra ele não passar.

Olhou para o seu próprio quarto, como que querendo analisá-lo pra continuar por mais tempo na cama. . . Depois de olhá-lo bem (como se houvesse algo diferente pra olhar), viu, enfim, a porta. Ah, a porta. É hora de ir, não é?

Levantou e foi ao banheiro. Depois de comer uma torrada com margarina, voltou pra escovar os dentes. Ligou a TV e começou as tarefas de casa; lavou a louça do café da manhã, separou roupas para lavagem. . . Era uma segunda-feira chata, chuvosa. Ao ligar a TV, algum tipo de acidente numa indústria era mostrado por uma câmera em um helicóptero. Parecia ser realmente sério; a emissora exibia imagens de vários ângulos das chamas. Os bombeiros tentavam controlar o fogo, sem muito sucesso.

Ela ficou assistindo à cobertura do acidente durante al-

gum tempo. O exaltado comentarista televisivo repetia continuamente a necessidade de mais vigilância por parte das autoridades competentes. “Como que esses burros vão deixar acontecer uma coisa assim, meu Deus?” perguntava-se Vanessa.

O programa acabou; passava um pouco do meio-dia e ela percebeu que a torrada não tinha satisfeito muito a barriga. Foi logo começar a preparar um “almoço só pra um” improvisado.

Fazia tempo que ela não cozinhava um grande almoço ou mesmo usava a mesa retangular da sala para refeições. Geralmente almoçavam ela e o marido na mesinha simples da cozinha. O filho, André, tinha 19 anos, um volumoso cabelo escuro e usava óculos. Tinha saído de casa pra fazer faculdade em outro estado. Logo engenharia química, meu Deus! Podia ser ele no incêndio fatal, pensou ela. Será que na profissão dele ele trabalharia em empresas como aquela? Ela não sabia ao certo. Só sabia que não conseguia nem imaginar a dor das mães daqueles que morreram no fogo. Que tragédia, meu Deus, que tragédia. . .

Terminou de almoçar e ligou a televisão de novo. Não passava mais nada sobre a explosão; agora havia um programa de variedades vespertino. Vanessa resolveu que faria as unhas dos pés; estavam horríveis e não havia muito mais a fazer no dia. O marido, vendedor, viajava muito, e só estaria de volta no dia seguinte.

Com o passar do tempo surgiu na mente dela a memória



do dia em que ela e o marido saíram em lua de mel. Apesar de viajar ser o trabalho dele, eles ainda viajaram na lua de mel. Uma explosão também tinha acontecido naquele dia, mas ela não conseguia se lembrar onde havia sido. . . Tinha certeza de uma coisa, contudo: sabia exatamente como descobrir.

Com algodões entre os dedos, Vanessa atravessou a sala na sola dos pés. Chegou no quarto e abriu a porta do pequeno *closet*. Acendeu as luzes e foi direto numa caixa de papelão, em que estavam fotos antigas, cartas amareladas — até receitas — e, mais ou menos no meio do bolo de recordações esquecidas da caixa, um caderninho verde cintilante, com um marcador preto (já muito, muito sujo), se destacava do resto do arquivo histórico.

Aquele era um diário que Vanessa teve. Ela começou a escrever nele pouco antes da viagem de lua de mel — e guardou porque foi o último de todos. Teve dezenas de cadernos como aquele desde os dezesseis anos, mas depois daquele, o verde, perdeu a vontade de continuar escrevendo. Não foi por um motivo especial; aquilo simplesmente foi, aos poucos, deixando de fazer sentido pra ela.

Ainda se apoiando apenas nas solas dos pés, voltou pra sala e começou a folhear o caderninho. Achou a tal explosão. Foi no dia 30 de outubro. Coincidentemente, ela estava descansando num dia chuvoso — sem muito o que fazer; o marido tinha ido ao supermercado — quando o rádio anunciou uma explosão de um posto de gasolina no interior do estado.

Concentrada na informação, uma propaganda de uma loja de carros (num volume um pouco mais alto do que o da programação normal) a assustou e fez o caderno quase cair na bacia de água que ela estava usando.

— Ah, merda... Quase... — reclamou ela, irritada.

Vanessa tirou o caderno dali e o deixou em cima da mesinha de centro; resolveu não mexer mais nele por enquanto, só por segurança. Seria uma pena se ela tivesse perdido tudo daquele diário. Ainda que estivesse lá, largado em algum lugar sem ninguém ter tocado nele durante tanto tempo, aquele objeto, carregado de passado, era importante pra ela.

Horas depois, quando Vanessa já tinha feito as unhas, deixado o tempo passar ao assistir novelas e esquentado o almoço pra que ele servisse de jantar, o telefone tocou. Era o filho.

— Oi, mãe!

— Oi, filho! — respondeu ela, feliz — tudo bem?

— Tudo, tudo sim. Tô aqui em casa... Meus amigos tão pra chegar.. E eu disse que ia te ligar, então..

— É... Filho, tu viu o acidente hoje, na televisão?

— Não, que acidente?

— De uma indústria que mexia com uns.. Produtos químicos... Não sei direito quais eram, mas foi uma explosão, filho... Meu Deus, acabou com tudo lá..

— Hummm... Nossa, nem vi nada. Ô mãe.. — a voz dele parecia um pouco mais distante agora — acho que eles chegaram... Outro dia a gente se fala, eu realmente tenho

que ir.

— Tá bom. . Filho, te amo, tá?

— Também, mãe! Beijos.

— Beijos. . .

E desligou. Ela colocou o telefone sem fio na base com algum princípio de lágrimas nos olhos. Mesmo sem ter ninguém ali, preferiu parar o processo todo. Não queria chorar.

O filme de segunda-feira — pelo qual ela não se interessava — já tinha começado. Estava nos créditos iniciais. Ela pegou o seu caderno de outrora, ali esquecido, abriu na página do acidente com o posto de gasolina, e ficou a observá-lo durante algum tempo. De impulso, sem mais nem menos, sem razão pra querer fazer o que fez, escreveu a data do novo acidente, deste, que ela tinha acabado de contar ao filho, na mesma página: 12 de abril. A data do dia que ela tinha acabado de viver. E dormiu no sofá.



## Capítulo 3

Vanessa acordou. Percebeu que despertou e, espreguiçando-se, foi rolando até o outro lado da cama — até encostar a mão em algum objeto estranho.

A então solitária mulher não gostava de deixar nada em cima da cama, nem mesmo o controle remoto da televisão do quarto. Mas o que estava em cima da cama era algo que Vanessa jamais esperava encontrar. Um caderninho verde cintilante, que durante algum tempo servira pra ela como diário.

Ela começou a escrever no caderno pouco antes da viagem de lua de mel, e ele estava guardado (porque era o último de muitos que ela já tivera em sua vida) em uma caixa de papelão onde costumava colocar coisas velhas. Velhas, mas não sem valor.

Há muito que ela nem encostava no caderno; o que diabos ele estava fazendo ali? Das muitas coisas que ela tinha feito no domingo, uma delas com certeza não era cavar o passado

em busca de diários de logo depois do casamento.

Deixando pra lá por um tempo o acontecimento estranho, saiu da cama e foi ao banheiro. A surpresa fez com que nem notasse a dor de cabeça com a qual tinha acordado. Trocou de roupa, comeu uma torrada com margarina, escovou os dentes (o que fez sua cabeça doer um pouco mais). Resolveu ligar a televisão e assistir um pouco até que a dor acabasse. Com a ajuda de um “remedinho”, é claro. A dor demorou a passar, mas passou. Em seu lugar surgiu uma preguiça tamanha que fez até o bolo de banana — que ela não suportava — parecer interessantíssimo na televisão.

Foi então que, passados alguns minutos, a programação foi subitamente interrompida pra dar lugar a um plantão jornalístico (o que tirou Vanessa de sua quase letargia). Aparentemente havia um incêndio de gigantescas proporções em um bairro industrial de uma grande cidade. Tudo começou numa fábrica que manipulava certos produtos químicos. Ainda anormalmente sonolenta, Vanessa foi fazer o almoço. Continuou assistindo à televisão, que não parava de mostrar tudo que se sabia sobre a catástrofe, mas estava, em geral, alheia à comoção. Uma centelha de interesse apareceu, contudo, quando pensou no filho.

Ele tinha dezenove anos, e tinha saído de casa pra fazer faculdade em outro estado. Logo engenharia química. . . Podia ser ele no incêndio fatal, pensou ela. Será que na profissão dele ele trabalharia em empresas como aquela? Ela não sabia ao certo. Depois de um tempo de reflexão e ideias nefastas,

só sabia que não conseguia nem imaginar a dor das mãos daqueles que morreram no fogo.

Terminou de almoçar e pensou em mudar de canal, mas pelo menos outros dois canais da TV aberta falavam sobre as explosões na indústria. Que coisa chata, a televisão só passa desgraça! Vanessa resolveu que faria as unhas dos pés. Estavam horríveis e não havia muito mais a fazer no dia, de qualquer forma. O marido, vendedor, só voltaria no outro dia. Viajava desde sempre, e foi por causa de suas viagens que ela o conheceu.

Com o passar do tempo surgiu na mente dela a memória do dia em que ela e o marido saíram em lua de mel. Uma explosão tinha acontecido naquele dia também, da qual todos ficaram falando — mas ela não conseguia se lembrar onde tinha sido. . .

Ela sentiu um calafrio. Que coincidência maluca. . . Sabia exatamente onde encontrar essa informação. Um caderninho verde que usava como diário na época de lua de mel. E com o qual tinha acordado, mesmo não tendo mexido nele nos últimos anos.

Com algodões entre os dedos, Vanessa atravessou a sala na sola dos pés, correndo. Pegou o caderno, que tinha deixado em cima do criado mudo, e o folheou, a mente aos poucos recuperando a data que devia achar: 30 de outubro.

Achou. Não chegou a ler tudo; viu as palavras pularem nos olhos — explosão, posto, gasolina. Mas ela não podia se concentrar no texto; havia algo a mais que chamou toda sua

atenção na folha.

Estava escrito “12 de abril” nela.

O dia que ela estava, ali, naquele instante, vivendo.

Uma onda de pânico irracional diante de tal coincidência ridícula foi tomando conta dela. Ela fechou o caderno, largou-o em cima da cama e abriu o guarda-roupa. *Por que*, por que tinha escrito 12 de abril naquela folha, justo naquela, do caderno? Ela odiava anotar qualquer coisa pequena que fosse nos seus diários — números de telefone, datas, lembretes quaisquer — não podia ter feito isso, ainda mais justamente naquela folha.

Achou a caixa que deveria estar guardando aquele caderno; era a clássica caixa de papelão. Tinha que estar ali.

Vanessa se surpreendeu ao descobrir que sim, ele estava ali. Ela tirou de dentro da caixa exatamente o mesmo caderno — possuía as mesmas características e as mesmas marcas do tempo. O conteúdo, aparentemente, também era o mesmo. Não se podia ver diferença, e não era possível nem ao mesmo dizer que um era a fotocópia do outro — a mesma tonalidade, o mesmo papel, tudo era o mesmo. Exceto uma coisa: apenas um deles tinha a inscrição “12 de abril” na folha do dia 30 de outubro.



## Capítulo 4

Tudo estava escuro; não por causa de falta de energia, embora isso cairia bem. Era noite e naquela casa já com as estruturas precárias não era possível ver nada, nem um palmo diante do nariz. E era exatamente essa a intenção; passar a ideia de que não havia ninguém ali. Nem ninguém nem nada de interessante. “Vá embora, essa é uma construção desinteressante e irrelevante” era o que a família que ali se escondia queria dizer.

Não era preciso muito esforço pra ouvir a casa gritando isso se você estivesse do lado de fora. Igual a qualquer outra na “vizinhança”, só que razoavelmente mais suja e caída, aquela construção aparentava tanto abandono que se poderia discutir a existência mesmo de ratos ou baratas no local.

Apesar disso, havia ainda um grande problema no isolamento do lugar que se pretendia fazer por quem estava ali no momento. A visão podia até ajudar no esconderijo da família de Oscar, mas um outro sentido podia não colaborar

tanto.

— *Paaaaai...* — choramingava Marcelo.

— *Sssshhh*, filho, fica quietinho. . . — sussurrava Sinara no ouvido dele, com doses desesperadas de carinho e preocupação.

Mas não adiantava. Lá fora ainda se ouvia ao longe disparos e disparos, além de ocasionais explosões — algumas que até faziam a casa tremer um pouco. Eles não ousavam discutir a situação; questionar um ao outro se já era hora de ir embora antes que a construção os soterrasse poderia ser o fim deles caso houvesse algum inimigo oculto por perto.

Oscar estava encostado em uma parede, logo ao lado de uma mesa bamba de quatro pés. O filho mais velho, Renato, estava sentado no colo do pai, abraçando a si mesmo com o vigor vindo do medo. Do outro lado da sala estavam Sinara, a mãe, e Marcelo, o filho mais novo, que não conseguia parar de chorar, ainda que baixinho.

O pai não estava arrasado ou mesmo assustado; a vida deles tinha sido assim desde o começo, praticamente. Fugindo, se escondendo, mudando de cidade o tempo todo. Ele não sabia o que era morar sempre no mesmo lugar e, com a exceção de quando trabalhara em laboratórios em lugares ermos do mundo, nunca nutrira esperanças de que ficaria num lugar por mais do que um ou dois meses. Nunca fazia de sua casa um lar — era inútil. As grandes cidades nas quais tinha vivido já nem existiam mais. Agora eram grupos. Povoados. Os pais já morreram, vítimas de ataques inimigos. Pais

que pelo menos fizeram de tudo por ele, passaram adiante o conhecimento que tinham — o que fazia de Oscar um homem com instrução muito acima da média naqueles tempos terríveis. Depois de muito tempo teve a sorte de encontrar Sinara, mulher que tanto ama e por quem tanto teme. No único mundo que ele conhecia, na vida que sempre levou, o amor nunca foi corriqueiro, e sim um sentimento muito bonito, mas que poucos queriam se dar ao luxo de ter. Seja por medo de acabar perdendo quem se ama ou por puro e egoísta instinto de sobrevivência.

Mas tudo poderia mudar em breve. Há alguns dias tinha recebido um contato de Lenrad, o físico com quem trabalhara uma vez. Uma grande oportunidade tinha aparecido; um lugar seguro, um propósito importante. Mas por enquanto tinha que sobreviver pra poder aproveitá-la.

Ouviram passos. Pessoas passaram apressadas pelo local. Marcelo ainda respirava com dificuldade. Ele acabava representando a preocupação de todos ali, que estavam com os corações cortados tanto quanto ele.

Mais passos, que logo cessaram — Sinara apertava com força a boca de Marcelo, que ainda fazia um pouco de barulho; com sorte ele não seria ouvido. . . Alguém certamente estava lá fora. Eles sentiam. O coração de toda a família batia acelerado, e o medo provocava ilusão tal que quase conseguiam ouvir também os batimentos cardíacos de quem estava lá fora. Como se fosse possível adivinhar pelo ritmo quem era, ou o que queria. Por que diabos estava lá? Será

que tentava ouvir algo, detectar a presença de alguém?

— Ei — falou alguém que chegou perto repentinamente. Ninguém conhecia aquela voz ali — tem remédio aqui. Vamos pegar e ir embora.

— Shh — pediu o outro, que já estava ali antes. Ninguém ousava mexer um músculo; alguns segundos da mais absoluta aflição se tornaram séculos enquanto aquela busca implacável pela presença de alguém se estendia mais e mais... Até que o outro soldado a interrompeu:

— Não tem nada aí, porra... . . . Vem, anda.

E os passos lentamente recomeçaram, e podia-se entendê-los como indo pra longe da casa.

O momento que se seguiu foi de absoluto — porém silencioso — êxtase e comoção para os habitantes daquele recinto sujo e inseguro. Eles não podiam se olhar, mas certamente desabariam em lágrimas se reconhecessem a vida no outro, como se tivessem acabado de ativamente *salvar* as vidas uns dos outros.

Mais algum tempo se passou e um silêncio mais pacífico começou a reinar no lugar. Pacífico, mas que ainda precisava ser suportado. O sono vinha de forma esquisita. Mais forte, talvez, era uma vontade insistente e diabólica de ficar ali pra sempre, não levantar nunca mais. Ao que tudo indicava, não havia mais ninguém por perto do lado de fora, e já há alguns minutos que não se ouvia nenhuma explosão ou tiro.

Sinara começou, aos poucos, a chorar; no início, a confusão reinava já que o choro era tímido e não facilmente identi-

ficável. Oscar começou a desconfiar e depois de um tempo o choro da mulher começou com mais força e desespero, o que o encheu de uma sensação de tristeza de um tipo que poucas vezes na vida havia sentido.

— Filho, fica aqui... — sussurrou ele apressado ao colocar Renato de lado, encostado na parede. Ele foi engatinhando o mais rápido que pôde, passando pela sala relativamente espaçosa, até chegar a Sinara, que descobriu ao apalpar algumas vezes a parede ao lado dela.

— O que foi? *O que foi?* — perguntou ele.

— Ele não ia deixar de lutar, Oscar... Ele não ia... — Dizia ela, agora chorando mais forte que antes; se referia ao irmão.

— Calma, amor, calma...

— Ele disse que ia morrer hoje, Oscar! Ele falou olhando pra mim que ia morrer, e eu... — Ela não conseguiu terminar a frase. Oscar tentou abraçá-la como pôde, mas mesmo ele estava incerto de que é isso que deveria fazer, ou que era o máximo que podia fazer.

Mas aquele inferno podia acabar. E agora, pra onde iriam? Ele não tinha mesmo outra escolha. Era sua única chance.



## Capítulo 5

— Vanessa?

Um homem relativamente alto, um pouco gordo, com um olhar expressivo, apesar de aparentar despreocupação, entrava na própria casa, que era também a casa de Vanessa. Lauro anunciava sua chegada; deixou a mala no corredor de entrada e abriu a embalagem de uma bala de coco queimado que tinha comprado num posto de gasolina antes de chegar em casa. Cansado, Lauro passou a mão pelos cabelos bastos e já levemente grisalhos, e depois estalou os dedos das mãos.

— Vanessa? — perguntou, mais uma vez, só pra confirmar que estava sozinho, mas não estava. Recebeu uma resposta abafada. Uma porta abriu; ela estava no banheiro.

— Como foi a viagem?

— Boa, muito boa. . . Quer? — perguntou ele, oferecendo uma bala.

— Não, escovei os dentes agora há pouco. . .

— E então. . . — Lauro descarregou os bolsos na mesinha

de centro da sala e se voltou para a esposa — tudo bem por aqui?

— Sim... — os dois deram um breve beijo — Visse o acidente com a indústria?

— Sim. Muita gente morrendo... — dizia ele, passando para a sala pra ligar a televisão.

— Meu senhor do céu... Já descobriram por que aconteceu?

— Acho que não... — Enquanto a televisão ligava, ia para o quarto — tá passando isso o tempo todo na TV, parece que foi... bem difícil controlar o fogo...

— Hmm... Lauro, é... Outra coisa — disse Vanessa, indo atrás dele até o quarto — lembra daquele caderno verde que eu tinha quando a gente se casou?

Lauro virou os olhos pra cima por um instante pra se lembrar, e prosseguiu:

— O que tu usava como diário?

— Sim.

— O que tem ele?

— Tu mexeu nele ultimamente, assim, nos últimos dias...?

— Não — respondeu ele, depois de pensar um pouco — por quê?

— Ah, nada... Ontem aconteceu uma coisa esquisita, só.

— O quê?

— Nada.



Mais tarde, Vanessa e Lauro resolveram sair pra jantar fora; não havia nada em casa que lhes despertasse muito apetite. Foram dirigindo até um restaurante chamado Gula, do qual gostavam porque era simples, barato e bom. Além disso, conheciam vagamente o dono, o que lhes dava uma certa segurança de que seriam melhor atendidos em todos os sentidos comendo lá.

Enquanto a rádio tocava algum grande sucesso dos anos 90, Vanessa encostou a cabeça no banco e pensou no diário — ou melhor, nos diários — que não tinham saído da gaveta do criado-mudo desde o dia anterior, quando ela viu a grotesca coincidência escrita em um deles. Aliás, o próprio fato de que repentinamente havia dois deles já era grotesco o suficiente.

Olhou pelo retrovisor. Havia um carro verde-musgo — desses nem muito caros, nem muito populares — atrás deles. Vanessa sentiu algo sobre aquele carro. Algo estranho, intuição, coisas que não se explicam. Olhou com mais atenção, tentando identificar alguma coisa qualquer, mas não viu nada que pudesse justificar a estranheza que tinha sentido.

— Opa! — disse Lauro ao cumprimentar o dono do restaurante, que estava no caixa. Vanessa “acordou” de seu estupor mental apenas ali, momento em que se deu conta de onde exatamente estava.

— Olha só! Tudo bem, homem? — dizia o simpático homem de olhos pequenos e óculos, usando uma já tradicional camiseta branca sem estampa, que devia ter mais ou menos a idade do casamento de Vanessa — E a senhora, como vai,

tudo bom?

Eles se sentaram e, enquanto esperavam pelo prato, conversavam esporadicamente sobre algumas coisas. Entre uma conversa e outra, Vanessa notava algumas pessoas ao seu redor. Observava. Uma delas acabou causando a mesma estranheza que aquele carro tinha provocado. Era uma sensação de que algo ia mal, de que havia algo errado. Um homem de cabelo curto, loiro, de aproximadamente uns 30 anos, estava sentado a algumas mesas de distância. Não olhava pra eles, mas Vanessa tinha certeza de que ele estava os observando. Vanessa tinha certeza de que olharia.

E olhou.

Aquele mesmo calor quase desesperado passou pelo corpo de Vanessa. Era o homem do carro verde. Ele estava os seguindo, só podia ser. Meu Deus. Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Vanessa largou a taça de vinho em cima da mesa. Estava nervosa, e pelo jeito deixava isso bem claro.

— Que foi? — perguntou Lauro.

— Nada — disse ela, séria.

— Que foi?

— Nada! — disse de novo.

Lauro continuou com o olhar desconfiado pra ela; mas resolveu ignorar. Ela estava muito estranha, sempre perguntando essas coisas, agindo de jeito estranho, e, quando o motivo da pergunta é perguntado, a resposta é... “Nada”. Mulheres... No resto da noite Vanessa se comportou de modo relativamente normal, então foi mais fácil para o esposo fingir

que não havia nada de incomum.

Daquele dia em diante, Vanessa não teria mais paz. Quando voltaram pra casa, Vanessa percebeu o carro. Lá estava ele. Naquela noite, ela trancou todas as janelas, usou as duas travas da porta, cerrou as cortinas. Lauro continuou mantendo o equilíbrio entre ora ver que obviamente havia algo de errado e ter a certeza de que receberia um “nada” toda vez que perguntasse, então preferiu não se incomodar. O que ele não foi capaz de enxergar, contudo, foi a onipresença do carro verde-musgo e seu motorista naquela noite.

Os próximos dias foram de um terror sutil e silencioso. Na quarta-feira que se seguiu ao aparecimento daquele veículo suspeito, Vanessa acordou alerta. Foi ver se ele estava lá. Estava, e estaria sempre lá, na rua deles. Sempre. Se eles — na verdade, apenas ela — saíssem de casa, o carro logo aparecia próximo a eles, vindo de alguma direção aleatória depois de um período de aparente sumiço.

Vanessa ficou (isso, é claro, ocorrendo como um processo inconsciente muito curioso na mente dela) intrigada com aquele homem. O que é que ele queria vigiando a vida de alguém tão normal, de alguém tão simples quanto ela, quanto seu marido? Não eram pessoas ricas — apesar de também não serem pobres — não eram famosos, não se vestiam como se estivessem indo para uma noite de gala, *chiquérrimos* até mesmo pra ir apostar na Mega Sena na manhã de uma quinta-feira. Ela não conseguia entender o que é que ele estava fazendo ali, e o pior: com afinco... Porque

ele nunca descansava. Não havia horas em que o carro não estava ali, apesar de tempos em que o homem não estava dentro do carro.

Na quinta-feira ela foi até o supermercado. Ela saiu, o carro ficou. Bom, ela pensou. Ou ruim; será que ele pretendia atacar Lauro enquanto ela estava fora? Não, ele viu quando Lauro saiu. Ou será que não viu? Que diferença faria, não havia ninguém em casa (um dos motivos pelo qual ela saiu de lá; estava sozinha) — seria ele um ladrão comum? As dúvidas foram interrompidas pela visão de seu reaparecimento, quatro quadras mais tarde, distante. O mercado de costume da família não ficava muito longe, mas ela resolveu ir até um outro, que ficava do outro lado da cidade. Isso não podia ser coincidência. Essa opção já estava eliminada. Na verdade, pra Vanessa, estava eliminada desde o começo.

Quando perdeu o carro de vista por um tempo, ficou extremamente aliviada. Seria a hora de reconsiderar a possibilidade de coincidência? Talvez. . . Talvez fosse um parente de um dos vizinhos. Ela estacionou no supermercado e passou pela porta automática. Uma coceira no pulso, um arrepio no antebraço. . . Virou-se, discretamente, um impulso rápido; lá estava ele.

À noite, ficou durante um bom tempo olhando para a televisão, comendo várias coisas aleatórias que encontrava pela cozinha, e eventualmente conversando com Lauro, mas não conseguia prestar real atenção em nenhuma das coisas que fazia. O que é que ela deveria fazer, afinal? Contar

para o marido? Ele provavelmente iria tirar satisfações com o rapaz. O que seria bom se funcionasse pra tirá-lo dali, mas e se o homem fosse realmente perigoso? E se ele tivesse uma arma, um canivete que fosse? Não, melhor não... Chamar a polícia? Talvez, mas e se ele tivesse grampeado os telefones? Uma perseguição que se preze tem que ter escutas por toda a casa!

E se houvesse escutas pela casa?

Vanessa, no fundo, no fundo, estava... *Interessada* pela situação. Na verdade, havia algo que a atraía na coisa toda. Pra acalmar os nervos, afirmava pra si mesma que não, imagina, não havia perigo nenhum. Mas ela secretamente *adoraria* que houvesse... Seria hilário, excitante. Policiais prendendo o homem que a perseguia dia e noite. Mas não... Ela nunca tinha falado com ele e aquilo tudo foi só uma sequência de coincidências. Não, não deve ser uma ameaça. Bobagem. Deve ser um parente do vizinho. O carro dele ficava sempre perto da casa do Herrs, aquele alemão que tinha um Fiesta azul. Por que o carro nunca saía dali? Se fosse pra vigiar, podia ser em qualquer lugar! Principalmente em um que não fosse tão óbvio. Não, não. Era um parente do vizinho.

Na sexta ela precisou sair, ir até a farmácia. O Band-Aid tinha acabado em casa; não era realmente uma necessidade, mas decidiu pôr à prova mais uma vez o reino de coincidências que tinha tomado conta da vida dela. Não foi a pé; ao passar pelo carro estacionado, viu que não havia ninguém lá dentro. Ao passar pelo carro sentiu um misto de agonia

e estranheza; uma sensação esquisita, que, embora não facilmente reconhecível ou descritível, dizia algo perfeitamente compreensível: isso está errado. Tem algo de podre. Esse homem está te vigiando. Isso vai acabar mal.

A sensação durou até chegar na farmácia. Riu ao sair do carro; tudo parecia certo novamente. Mas seu castelo de tranquilidade voltou a cair quando saiu da farmácia, Band-Aid comprado. Mais uma vez ela viu o homem misterioso, com seu carro verde-musgo, do outro lado da rua — não é possível. . . Que merda de montanha-russa maldita de sensações!

A tentativa calma de Vanessa de convencer a si mesma de que aquilo não estava acontecendo ao criar iscas pra atrair casos normais, sem coincidências, não deu certo. Ela agora estava com *medo*. O homem não olhou pra ela; entrou na farmácia sem parecer notá-la — não que a tenha ignorado solenemente, de modo perceptível quando alguém ignora outra pessoa, ignora de verdade. Ela foi apenas mais uma dentre as pessoas dentro de seu campo de visão. É claro que isso não a tranquilizou; ao invés disso, atacou ainda mais a paranoia latente dela. *Foi de propósito!*

A partir daquele dia, ela já não saiu mais de casa. Parou de tentar fingir que estava tudo bem, mas também não contou a ninguém. Perguntava a si mesma se estava se ariscando demais. Mas ela jamais enxergaria o que estava acontecendo. Ela estava no limiar, no limite entre a fantasia e a realidade — embora isso não tivesse nada a ver com in-

sanidade, pois o homem existia. Ela nunca esteve em uma realidade de perseguição. Isso era coisa de filme, ou então coisas abstratas, dessas perseguições de colégio quando se é adolescente. Fofocas, “intriguinhas”. Nunca uma coisa dessa aconteceu com ela. Ela não sabe como reagir. Isso ela enxerga, é óbvio. O que ela não vê é que por não saber o perigo que poderia estar correndo, vê aquilo como um espetáculo excitante, do qual se aproxima ao ver o show de luzes e sons, ou de potentes rugidos — embora não haja garantias sobre quão presa e contida está a fera.

Já havia se passado cinco dias desde a ida ao restaurante. A reação que teve foi nada inteligente, nada racional, certamente; mas foi o que ela fez, e se manteve firme. Lauro viajaria já no próximo dia, e arrumava as malas quando começou a tocar no assunto — afinal, ele não poderia ser tão cego.

— Sabe que eu notei algo estranho? — disse ele quando Vanessa chegava no quarto — tem um carro que já tá aí há dias na rua no mesmo lugar. Um carro verde.

— É? — perguntou ela, com o coração acelerado. Que conversa era essa agora? Se sentiu ameaçada, o “segredo” esquisito que guardava, embora não devesse, sendo desmascarado. Reavaliou subconscientemente o que tinha acabado de sentir. Sentiu é vergonha por parecer uma adolescente tola. — E daí?

— Tu não acha *estranho*? Não é *isso* que *vive* olhando pela janela? — ele tinha parado de prestar atenção na mala.

Olhava fixamente pra ela agora, aumentando o tom de voz, levemente indignado. A irritação que estava guardada ali, prestes a sair, dependendo do que ela dissesse, só não superava o sarcasmo de sua voz.

— Ah, sim, eu percebi, de vez em quando eu olho, porque ele nunca sai de lá! — ela tentava dar ao assunto ares de banalidade, e fugia do olhar incisivo do marido. Passou por detrás dele e foi para o banheiro pra evitar de vez o contato visual. Começava a suar de nervosismo — Por que isso, agora?

— Hum — Ele fazia voz de resignação. Raiva contida. Ou algo que substituísse a frase “Se é assim que você quer. . .” — Se é assim. . .

Vanessa sentiu-se mal. Não olhou pro espelho à sua frente; olhou pra pia, e ficou respirando fundo, esperando a calma voltar. Será que ele estava achando que aquele era o *amante* dela? Provavelmente. Um homem *macho* como ele, não, a mulher dele não podia fazer aquilo com ele. Já ele. . .

Ao longo dos anos ela aprendia a desvalorizar quem ela era, seus sonhos mais secretos e bobos, em favor da sua família, da sua tranquilidade: fazia planos de crescimento que tinham como objetivo dar o melhor ao filho, o único que tiveram, e pra ter estabilidade pra viver uma vida “boa” até o final. . . É claro que nada saiu como planejado. Só o filho era uma bênção pra eles, mas, de resto, as coisas já não iam tão bem.

Mas, de qualquer forma, repentinamente um caderno apa-



rece em dobro, e um homem começa a persegui-la. Ela olhou pro espelho. Aquilo não parecia certo. Um aperto invadiu o peito; ela coçou a cabeça, respirou fundo mais uma vez. Tudo parecia tão fora do lugar. Talvez essa situação constrangedora só fizesse com que *voltassem* mais forte os sentimentos dela, que já existiam antes, de que tudo parecia fora do lugar. Tudo na vida dela. Por que, meu Deus? Queria arrancar à força aquela sensação ruim, jogar na lata de lixo — ou no vaso mesmo, o que fosse mais rápido de abrir — e ir dormir, leve, levíssima. Mas o clima estava pesado. Quando ela dormiu, ele ainda via televisão.

Na segunda-feira, Lauro saiu. Foi viajar mais uma vez, e então algo finalmente aconteceu. Ela espiou pela janela e viu não mais o homem sentado no carro, mas ele saindo dele, decidido, rápido — vindo em direção à casa... Será que seguiria reto, e a casa então não era seu destino? Era. Ele apertou a campainha do portão.

A situação era análoga à movimentação de tropas, ou, em se tratando de duas pessoas, uma brincadeira de gato e rato. Uma dinâmica esquisita. O gato se moveu. O rato ficou apavorado. E se fosse um *serial killer*? E se fosse um assassino, um sequestrador, um estuprador? Vanessa já tinha se perguntado isso milhões de vezes. Andava a passos asfíxiados pela sala, sem saber o que fazer. Só tinha se decidido a não desmaiar ou ficar (ainda mais) em pânico.

A campainha tocou, mais uma vez. Ela esperou. Suava frio. O homem parecia calmo; Vanessa não sentia que

conseguiria convencê-lo de que não estava em casa. Escutas, pensou ela. Ele apertou de novo o sinal que chamava a atenção da dona da casa. O telefone toca, alguém tem que atender. A campainha toca, alguém tem que abrir a porta. Ele queria algo, tinha um objetivo, ela ia finalmente descobrir qual era, o que ele queria. Ela abriu a porta da sala e foi até lá.

Ia passando pelo jardim, tensa, em direção à porta. Ele não carregava coisa alguma nas mãos; os bolsos da calça preta, dessas largas, de tecido pra fazer exercícios físicos, não faziam volume. Vestia uma camiseta branca simples. Vanessa pensou que iria resolver aquilo de uma vez. Abriu o portão.

— Bom dia — disse ele. Parecia educado — Meu nome é Rodrigo, e eu. . Gostaria de conversar com a senhora.

— Conversar o quê? — perguntou ela, ríspida.

— Calma — pediu ele, percebendo (ou já sabendo de antemão) que ela estava nervosa — Eu vou ser direto. Vim aqui pra falar sobre o que aconteceu com você uma semana atrás.

Vanessa parou e pensou. Na verdade, antes de pensar mesmo, pensou que, pelo menos por enquanto, ele não era um assassino cruel ou coisa do gênero. Era só isso que ele queria? Então botou a cabeça pra funcionar. Há uma semana, sete dias. . . 12 de abril. O caderno. Como ele sabia?

Quem era ele?

— O. . . O caderno?

— Tem algo de errado com algum caderno? — a voz dele era prestativa e, não fosse pela possibilidade, agora de volta à mesa abstrata de possibilidades de Vanessa, de ser um maníaco sanguinário, ela jamais o acharia perigoso.

— Sim.

— Eu posso entrar? — perguntou ele.

Vanessa não disse nem que sim nem que não, apenas voltou para dentro de casa, atrapalhada. Entrou na casa, e viu que o homem relativamente alto e forte entrou também, colocando a mão nos bolsos.

— Posso ver o caderno?

Ela, ainda nervosa, foi até o quarto procurar pelo diário verde. Não teve dificuldade nenhuma para encontrá-los — ambos — já que não voltou a guardá-los dentro do armário depois do incidente. Ela ficou um pouco irritada quando percebeu que Rodrigo, ao invés de esperar na sala, a acompanhou até o quarto. Olhava para a casa com curiosidade. É verdade que ainda tinha um ar imponente, como pessoa que está a serviço, cumprindo algum tipo de formalidade. Mas tinha também uma curiosidade quase infantil, olhando pra todas as coisas ao passar lentamente pelos lugares em direção ao quarto.

— É esse? Qual é? — perguntou ele quando ficou ao lado dela, que segurava, ansiosa, porém retraída, os dois caderninhos verdes.

— Os... Dois...

Ele os pegou, cada um com uma mão, confuso. Olhou

dela para os cadernos, e de volta pra ela.

— É. . Por onde eu. . . — Ela não sabia qual deles estava com a “anomalia”, e ela resolveu não explicar que o fato de haver dois cadernos era, de alguma forma, uma anomalia mais estranha que a própria coincidência das explosões. Ela tomou o caderno dele e começou a folheá-lo. Não achou no primeiro; pegou o outro e enfim achou a página certa. Apontou a data marcada.

— Aqui.

— O que tem de errado? — ele olhava confuso para o caderno — 12 de abril. Foi há uma semana. Qual é o problema?

— O caderno apareceu de manhã na minha cama, só que eu não mexo nele há anos. Não sei como ele foi parar ali — ela falava como se descrevesse a cena de um crime a um policial. O nervosismo havia passado um pouco; o que restava mais era alguma espécie de constrangimento. O fato de que ela finalmente falava com ele não parecia ter mudado muita coisa quanto ao jeito dela de sentir sobre tudo aquilo — e nessa página eu escrevi uma explosão que aconteceu há. . Muito tempo atrás, já. E no dia 12 aconteceu aquela explosão, a outra lá, com a fábrica de químicos. . . Eu não sei como esse dia 12 foi parar aí, então. . .

Rodrigo meditou um pouco sobre o caderno. Fechou, abriu na mesma parte. Leu um pouco do que estava escrito na página, displicentemente.

— Você provavelmente escreveu isso num dia 12.

— Não, não, impossível! Eu não mexo nesse diário há anos, não me lembro desse 12 de abril.

— Num dia 12, semana passada. . . — Apesar de haver uma conversa, ele parecia conversar mais consigo mesmo do que com ela.

— Eu encontrei esse caderno dia 12 de manhã.

— Você escreveu mais tarde no mesmo dia — ele disse, olhando pra ela.

— Mas. . . — ela procurou argumentar, e ficou paralisada. Estava sendo inútil argumentar com ele, mas por quê? O que aquele olhar dele significava? O que ele estava querendo dizer? Mais tarde no mesmo dia? Estava sugerindo alguma coisa?

Quem era ele?

A sensação de estranheza da situação começou a fazer o coração dela apertar. A lâmpada do quarto dela não era exatamente a mais forte do mundo, e a luz já não tão intensa que causava parecia dar um tom de sonho à coisa toda. A realidade não parecia ser mais realidade. Aquilo não podia estar mais acontecendo. Esperar que o sonho desaparecesse e ela voltasse à sua vida — normal, boa, sem cadernos com 12 de abril — a deixou tonta, talvez porque suas expectativas não estavam sendo correspondidas. A coisa não acabava. O tempo passava e ela continuava presa ao seu pesadelo de agonia. Ela sentou na cama, e Rodrigo logo perguntou:

— Você está bem?

— O que. . . O que está acontecendo. . . — Perguntou ela,

sem muita entonação. Uma dor de cabeça começava a tomar conta dela. Jesus, o que estava acontecendo. . .

— Calma. Seu nome é. . .Vanessa, certo?

— *Meu Deus, ele sabe o meu nome. . .* — ela começou a se desesperar. Tudo parecia estar dando terrivelmente errado, tudo à beira de um colapso. Tapou o rosto com as mãos, apoiando os braços sobre as pernas. Ela se sentia acuada, prestes a ser engolida por algum tipo de tubarão branco, e não tinha a quem recorrer. O coração batia acelerado. Não sabia mais por que diabos tinha deixado aquele estranho entrar na sua casa, e tudo que podia pensar é que ela desistia; queria sair, não queria mais aquilo. Voltar no tempo e não escolher mais aquele caminho.

— Senhora, eu segui você durante a semana por uma questão de segurança. Desculpe se assustei, eu. . . Você se tornou uma vítima em potencial.

— Vítima? — ela olhou pra ele, assustada.

— Sim. Podem estar atrás de você. Na verdade. . . Você precisa vir comigo para um lugar onde a gente possa te explicar tudo.

Apesar de por um momento Vanessa ter levado o “atrás de você” como expressão literal — e ter se assustado ainda um pouco mais — ela então entendeu o que ele estava querendo dizer. Quem era o “nós”?

— Mas. . . Por quê?

— Vanessa, você tem que vir comigo. Seria bom se fosse agora. — disse ele, firme.

Não era uma dura decisão a ser feita. Na verdade, o dilema era bem patético. Por quê Vanessa sairia de casa pra ir com um completo desconhecido, que a seguiu durante uma semana, para um lugar não mencionado, pra se proteger de um perigo não explicado, deixando tudo pra trás, assim, *nonada*? Ela não ia se sujeitar a isso.

O céu estava bem claro, mas ela dormia com as janelas fechadas; apesar de brilhante, o sol estava encoberto. Porque Vanessa não teve tempo de deixar a luz do dia entrar, as lâmpadas do quarto estavam acesas.

Um segundo depois, não mais. A luz caiu. As lâmpadas apagaram, a luz vermelha de *stand-by* da televisão foi apagando em *fade out*. O silêncio, se isso for possível, parece ter sido aumentado.

Vanessa apenas estranhou o acontecido, mas Rodrigo pareceu bastante preocupado.

— Isso não é bom. Nós temos que ir.

— Não, eu não...

— Eu devo insistir, senhora, não há...

— Não, não...

— Vanessa, precisamos ir — insistia Rodrigo, e no meio da confusão entre insistências e negativas ele pegou no braço dela, tentando puxá-la, levantá-la da cama. Ela reagiu.

— Me larga!!

— Vanessa, Vanessa... — disse ele, repetindo seu nome energicamente — Eu posso explicar por que temos que ir, calma...

— Não encosta em mim! — Vanessa levantou, completamente amedrontada, ficando no espaço entre um lado da cama e a parede da janela. À medida que Rodrigo lentamente se aproximava, ela recuava; ele, com o braço levantado, tentava encontrar palavras pra convencê-la. Foi então que eles ouviram uma voz abafada, como a vinda de um celular, dizendo:

— *Rodrigo, calma. Foi um corte normal.*

Ambos pararam. Rodrigo tirou o celular do bolso e respondeu “OK” para a voz masculina que surgira do outro lado da linha.

— Eu vou ligar pra polícia — disse Vanessa, subindo na cama, tentando passar para o outro lado do quarto e alcançar o telefone; Rodrigo imediatamente começou a pedir que ela não fizesse isso, se interpondo entre o quarto e o pequeno corredor antes que ela pudesse alcançar a porta.

— Não, por favor.

— Por quê? Quem é você?

— Você precisa vir comigo pra. . .

— QUEM É VOCÊ, SEU DEMÔNIO! — ela gritou, tapando a boca logo depois disso, recuando pra dentro do quarto. Ela olhava pra Rodrigo, que apesar de irritado com a situação, parecia muito mais controlado.

Ela se virou para a porta do guarda-roupa e logo depois se sentou à cama de novo, evitando olhar para o homem ainda de pé, na porta. Ele quebrou o silêncio, explicando com seriedade e uniformidade na voz o que tinha acontecido:



— Vanessa, você... Sofreu com uma anomalia envolvendo viagens no tempo. Eu venho de um lugar onde pessoas trabalham estudando isso, em segredo, e queremos que você saiba o que está acontecendo, e que nos ajude.

Vanessa praticamente não ouviu o que ele disse. Ela ignorou tudo que veio depois de “viagens no tempo”. Que ridículo. Que absurdo. Que idiota. Então era isso que aquele maldito veio fazer ali? Tirar a paz dela? Fazer brincadeiras estúpidas?

Tudo o que ela conseguiu dizer foi um exausto “Quê?”.

— Vanessa. . — Rodrigo sentou-se ao lado dela na cama — É. . Bem, você sofreu uma anomalia envolvendo viagens no tempo. O seu caderno voltou de uma época em que você tinha feito essa anotação nele, provavelmente.

A mulher continuou sentada, olhando pra frente, se recusando a acreditar naquilo. Era absurdo demais. Aquele circo todo tinha que acabar.

— Sai da minha casa — ela falou, ameaçadora de um jeito que há muito não era.

— Vanessa..

— Sai da minha casa — reafirmou.

— Você precisa..

— Sai da minha casa. . .

— Não vou sair. — disse ele, resolutivo, tentando impor sua decisão.

— Vou ligar pra polícia. *Saia. Da. Minha. Casa.*

O silêncio que se seguiu foi um dos silêncios mais horri-

pilantes e, ao mesmo tempo, surpreendentes que ela já tinha experimentado em toda sua vida. Ela pensou que nunca tinha feito nada parecido, com ninguém, e pensou também que fazer isso é de fato bem diferente do que ela pensava que seria quando um dia o fizesse. Falando bem a verdade, ela nunca pensou que faria isso, ou que... Precisaria fazer isso.

Rodrigo olhava pra ela, aparentemente nervoso com sua atitude. Vanessa não viu para ter certeza; não olhava para o estranho. Mas ele pareceu ter respirado pesadamente, controlando a ira. Levantou e saiu pela porta da sala, despedindo-se brevemente; Vanessa não ouviu direito.

Foi estranho, pensou Vanessa. Ele teve todas as oportunidades que a burra que ela foi deu a ele. Abriu a porta de casa. Ele esteve em seu quarto. Se quisesse ter matado a dona de casa, poderia tê-lo feito sem qualquer problema. Se quisesse fazer... Qualquer outra coisa com ela — “Deus me perdoe” — Deus do céu, ele teve toda a chance do mundo. Que burra que eu fui, que burra, meu Deus, que burra...

Ela ficou louca consigo mesma assim que a percepção do perigo que passou atacou sua mente com força total. O que é que tinha acontecido naquela manhã? Uma loucura, uma loucura total. Um homem estranho entrou em sua casa e simplesmente disse que ela tinha viajado no tempo. Ora, como se isso pudesse ser feito. Não pode, isso não existe. Como é que ela não se lembra de nada do que tinha vivido? Não, não, mesmo que fosse possível — porque não, não é — não teria acontecido.

Mas mesmo assim, isso explicava o aparecimento daquele 12 de abril misterioso. . . Mais calor, mais suor, mais estranheza. Resolveu tomar um banho. Droga, ela não podia, estava sem luz. A não ser que fosse um banho gelado, mas ela não gostou da ideia. . . De qualquer maneira, ela provavelmente deveria ter escrito o 12 de abril no caderno por algum motivo do qual não se lembrava na hora. Só isso. Viagens no tempo. Era só um maluco. Tudo bem que agora havia dois cadernos. Mas deve haver uma explicação pra isso também. Podia ser uma brincadeira de Lauro? Não seria ela a perguntar. Tudo ia ficar bem. Tudo ia acabar bem. . .

Essa é uma prévia do livro M10! Se você gostou, apoie um escritor independente ao comprar o livro e continuar essa história que ainda reserva muitas surpresas!

Para fazer isso, acesse [www.m10livro.com.br](http://www.m10livro.com.br).

O livro está disponível em versão digital e em versão física.

Muito obrigado!